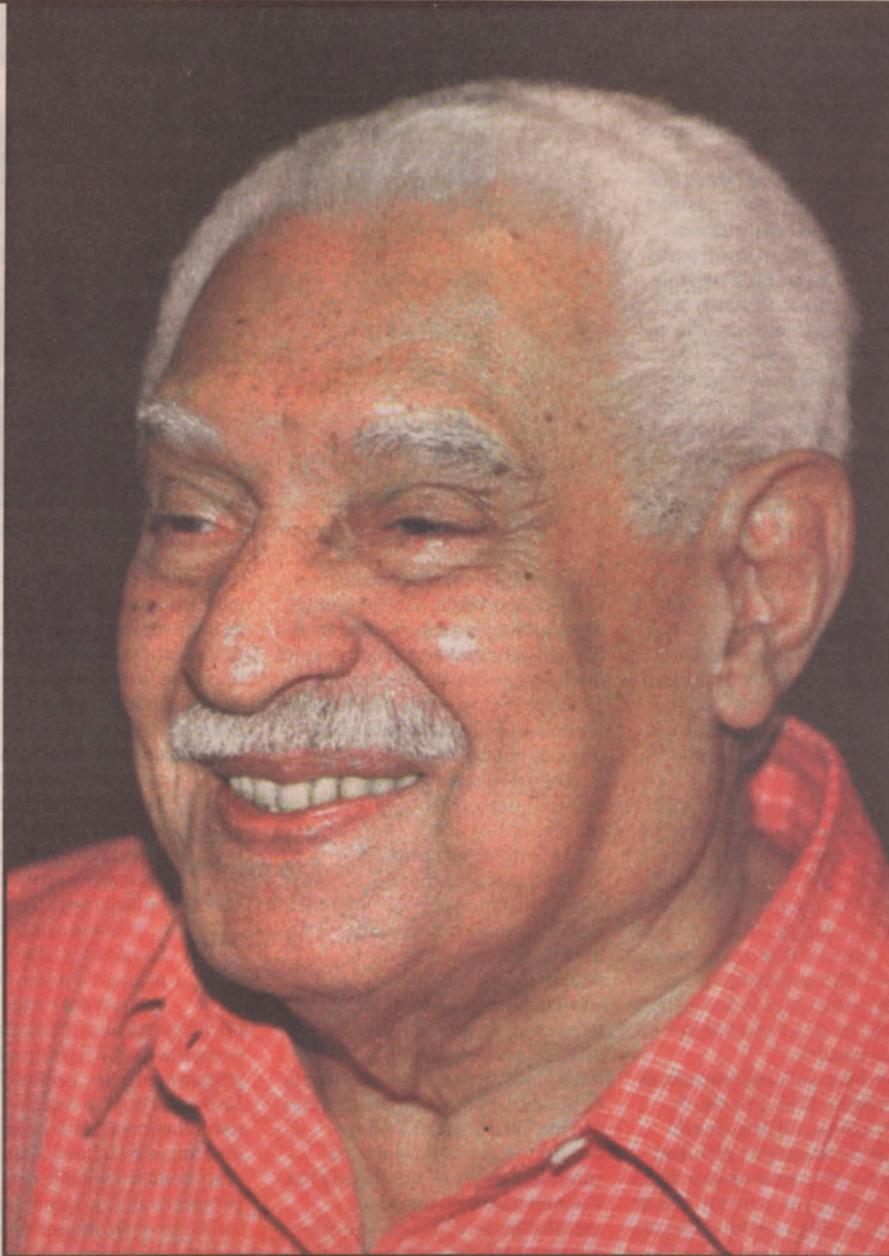


Antônio Lacerda - 08/12/00

A bênção, Dorival Caymmi



DORIVAL já ouviu o disco que Danilo, Dori e Nana (à esq.) gravaram e vão lançar no Canecão, no dia do aniversário, 30 de abril, e depois em DVD. 'Ele chorou. Para o nosso alívio, de emoção', conta Dori



Fernando Rabelo

Abrindo as comemorações dos 90 anos do pai, Nana, Dori e Danilo deixam seus estilos de lado para gravar homenagem definitiva e reforçar a importância do baiano para o samba

HELENA ARAGÃO

A reverência à obra do patriarca Dorival Caymmi sempre esteve presente na vida dos filhos Nana, Dori e Danilo. Além de participar dos discos familiares, ao longo das suas carreiras cada um deles interpretou obras do cancionista do pai, escolhidas de acordo com suas personalidades. Enquanto Danilo grava clássicos e, quando pode, compõe com o velho baiano, Nana faz um casamento perfeito de seu vozeirão com os sambas-canção. Dori prefere desconstruir harmonias, sobretudo das canções praiieiras. Nem sempre com aprovação paterna.

— Ele não gosta quando se inventa demais em cima de suas canções. Não reclama, mas também não aprova — conta Dori.

Pensando nisso, eles se reuniram para fazer o que deve ficar como o mais importante da penca de tributos aos 90 anos que Dorival completa em 30 de abril. Seguindo à risca a receita de simplicidade do pai, Dori largou os improvisos, Nana economizou na voz e Danilo abandonou a flauta para fazer de *Para Caymmi* (Warner) um disco bem ao gosto do homenageado. No repertório, o samba, gênero que talvez menos tenham

registrado em seus discos solo.

— É uma bênção ver papai chegar a esta idade lúcido, dando esporro em todo mundo. Por isso, não podíamos fazer um disco com as canções praiieiras. Tinha que ser algo para cima, para todo mundo cantar, tomar aquele porre, fazer churrasco. Sabe aquela coisa de pobre? — brincou Nana, causando uma gargalhada generalizada que se repetiria por muitos momentos da entrevista que reuniu os três, antean-tem, na cobertura da Torre do Rio Sul, em Botafogo.

Apesar de imperar a ironia bem-humorada a *la Caymmi* — herdada, dizem os próprios irmãos, da matriarca Stella —, o tom da conversa foi atípico: a maledicência, tão cara aos três, sobretudo a Dori, foi barrada, para não desviar o foco da festa.

— Estou me coçando para falar mal de todo mundo, mas Tia Nana proibiu — brincou Dori.

A bela vista do Rio contrastava com o menu de acarajé, vatapá e sururu servido por baianas a caráter no almoço que seguiu a entrevista. Para desespero dos irmãos:

— Reforça aí, pelo amor de Deus, que somos cariocas. Não aguento mais ser considerado baiano — continuou o violonista.

— Aliás, fizemos o disco com um pé no samba carioca, com um pessoal bem fera do Rio para fazer a cozinha. Foi um bom momento, já que a *A vizinha do lado* está um sucesso na novela *Celebridade*, mas pouca gente sabe que é de papai — completou Danilo.

Depois do almoço, um *pocket-show* para jornalistas mostrou um pouco desse espírito alegre do disco. Violão simples e percussão reforçada fizeram a cama para as três vozes potentes reverenciarem, em uníssono, pérolas como *Maracangalha*, *Eu não tenho onde morar* e a menos conhecida *Severo do pão*. Uma prévia do espetáculo que vai reunir a turma no Canecão, exatamente no dia do aniversário de Dorival — e será registrado em DVD.

— Vai ser uma festa, mas acho muito difícil o velho ir. Ele está em Pequeri (em Minas), duvido que queira sair daquela paz. Além do mais, ele fica confuso quando tem muita gente falando junto — contou Nana.

Os três irmãos vão subir ao palco com a alma lavada. Mesmo com a ausência de Dorival na plateia, eles sabem que o objetivo maior do disco

foi alcançado: o pai já ouviu as faixas, de surpresa, pois nem sabia que o disco estava sendo feito.

— Ele chorou. Para o nosso alívio, de emoção — conta Dori.

As lágrimas de Dorival fecham com chave de ouro uma realização complicada. Não foi fácil superar as divergências que um projeto familiar causa. Dori, por exemplo, era contra a gravação de sambas.

— Ficava um martelinho na minha cabeça: "Samba não!" Mas isso só prova que sou um cretino. Estava afastado desse repertório há tempos e levei uma lição.

O estalo aconteceu nos ensaios, quando viu os percussionistas cantarem as letras de cabo a rabo.

— Fiquei emocionado. Foi aí que concluí que papai é um nome fundamental para o samba no Brasil. O Noel é o pai do samba carioca, e o Dorival, responsável por esse registro musical da Bahia que não existe mais. Se o Donga fez o *Pelo telefone*, ele fez o que representa o *Pelo fax* e, se não tivesse aposentado, faria o *Pelo e-mail* — brinca.

Outro capítulo da saga foi garan-

tir uma gravadora que comprasse o projeto.

— Os músicos gravaram sem saber se seriam pagos. Se eu fosse mais nova, ia com cada um para aquele motel, o Vip's. Graças a Deus, a Warner se interessou. Fizemos o disco rápido, porque queríamos ser os primeiros de uma lista de homenagens que vem por aí — observa Nana.

Ela tem razão. No fim do mês, a fila anda com o relançamento da caixa da EMI (cuja primeira versão é de 2000), composta de boa parte dos discos de Dorival. Em junho, é a vez de os discos do projeto *Songbook* voltarem às lojas. Há também o recém-produzido disco *Caymmi, 90 anos: mar e terra*, com gravações de vários intérpretes. Isso sem contar as homenagens oficiais que já pipocam no Rio e em Salvador.

— Aliás, deixa eu dar um recado aí para o meu ex-marido, o ministro Gilberto Gil: você foi muito delicado em dar uma medalhinha em homenagem ao papai recentemente. Mas convenhamos, Dorival merece muito mais. "Faça por ele como se fosse por mim" — falou Nana, citando um verso de Ismael Silva e mostrando que, pelo bem de Dorival, o esdrácho pode voltar à tona.

■ NA PÁGINA B3, A CRÍTICA DO DISCO

Caymmi em variações

Coletânea e disco dos filhos cumprem papel de tributo

TÁRIK DE SOUZA

Apesar de terem gravado os coletivos *Caymmi's grandes amigos* (1986), *Dori, Nana, Danilo e Dorival Caymmi* (1987) e *Família Caymmi em Montreux* (1991), é a primeira vez que os filhos músicos do patriarca Dorival engajam-se sem ele num trio vocal para revisar parte de seu repertório. *Para Caymmi, de Nana, Dori e Danilo – 90 anos* (WEA) aproveita a efeméride redonda do compositor para alinhar 20 de seus sambas, alguns condensados em pot-pourris, nas vozes harmoniosas de timbres inusitados de Nana, Dori e Danilo Caymmi. A mesma Nana, em duos com Nelson Gonçalves num pot-pourri de sambas canções (*Não tem solução, Só louco, Nem eu*), gravado em 1987, integra a compilação *Caymmi 90 anos – Mar e terra* (BMG), CD duplo que captura da polifonia vocal dos Anjos do Inferno (*Dora*, 1947) a recente Maria Bethânia, em grande forma, extraindo o suprasumo do genial fiapo de samba *Maricotinha*, em gravação de 2001.

A coletânea assusta no início com a versão descalibrada do Trio de Ouro (na formação de 1950, já sem Dalva de Oliveira) para *O mar* e a pálida releitura de Baby Consuelo de *Dois de fevereiro*, num clima meio axé, gênero que o autor abomina. Caymmi ain-

da é desfeito em *Roses and roses* (*Das rosas*, em versão de Ray Gilbert que emplacou nos *States* na voz do cantor Andy Williams, em 1965). Ele contracena com a diva do jazz Sarah Vaughan e seu nome não consta nem da ficha técnica nem do encarte. Há outros momentos menos inspirados como o anêmico *Milagre* do Grupo Fundo de Quintal, de 1990, ou o empostado *Você não sabe amar* de Francisco "El Broto" Carlos, de 1950. Mas a coletânea recupera-se na pungente *Oração de Mãe menininha* por D.

Disco duplo da BMG traz versões irregulares da obra do baiano

Ivone Lara (1993), *Sodade mata-dera*, na viola e voz de Almir Sater (1996), *Nem eu* por uma Ange-

la Maria límpida e sem arroubos em 1953 e *Só louco* por Gal Costa, idem, em 1997. Também brilham os subestimados modernistas vocais Titulares do Ritmo em *Rosa morena*, Fafá de Belém no simbólico *Tomei um ita no norte* (1993), Sérgio Ricardo em *Maracangalha* e principalmente o inusitado e jazzístico encontro de Angela Rô Rô e a guitarra de Helio Delmiro em *Nunca mais*, façanha do falecido produtor Almir Chediak.

Já o encontro vocal do trio

de Caymmis também produz alguns estranhamentos: uma pirâmide de vozes onde a cereja do bolo é o timbre cortante de Nana, contrapontado pelo cálido Danilo e um Dori um tanto na retranca. Mas a ele cabem os arranjos (e um dos violões) na medida, adaptando o samba de sotaque baiano de Dorival para uma linguagem mais carioca, coloquial, guardando algum parentesco instrumental com o choro, especialmente pelos bandolins dos ases Pedro Amorim e Ronaldo. Embora mais populosa (Jurim Moreira, bateria, Gordinho, Don Chacal, Marcos Esguleba e mais Beloba e Ubirany) a percussão também é usada com parcimônia.

O repertório, como não podia deixar de ser, é impecável, já que Dorival Caymmi, apesar de ter uma obra considerada pequena (na verdade são 120 composições, não é tão pouco assim) fez um controle rigoroso da qualidade de sua produção. Desfilam no CD os megaclássicos *Eu não tenho onde morar, Rosa morena, Maracangalha, O que é que a baiana tem, Saudade da Bahia, O samba da minha terra* (de onde saiu o verso que virou ditado popular, "quem não gosta de samba/ bom sujeito não é/ é ruim da cabeça ou doente do pé") e outros menos evidentes, mas também muito conhecidos, como *Acontece*

que eu sou baiano, Requebre que eu dou um doce, Um vestido de bolero, Vatapá, Lá vem a baiana, Dois de fevereiro, São Salvador, O denço que a nega tem, Eu cheguei lá e mais. O sincopado Severo do pão, gravado apenas em 1987, é a única pérola obscura do garimpo onde só há jóias.



Fernando Rabelo

DORI, Nana e Danilo dão sotaque carioca ao samba de Dorival